

## “NUNCA DESISTAM DOS SEUS SONHOS, MESMO QUE ELES PAREÇAM IMPOSSÍVEIS”

Weides Conceição de Oliveira Lima<sup>1</sup>

Desde muito pequena, sempre sonhei em ser professora, mesmo sabendo que não seria fácil, nunca desisti.

Assim, esta minha Carta Pedagógica é um agradecimento, endereçado a todas as pessoas que sempre acreditaram em mim, principalmente, ao meu querido irmão Zenilton (*in memoriam*).

De família muito humilde, eu não tinha muitos recursos em casa, mas sempre dava um jeito de usar materiais que faziam parte do meu contexto para poder estudar. Como sempre fui apaixonada em ensinar, logo que comecei a aprender, já queria repassar o que eu aprendia para os amigos. Ensinava o alfabeto, utilizando as frutas que tinha no quintal, ensinava as continhas, utilizando as pedrinhas, feijão, grãos de milho e outros materiais. Ficávamos observando as nuvens, cada um interpretava o desenho que via e eu, sempre dava um jeito de passar meu conhecimento adiante. Isso me deixava muito feliz. Conforme Maria Helena Martins (2007):

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida em que incorporamos a experiência de leitura. (MARTINS, 2007, p.17).

Eu gostava muito de ler, mas não tinha condições de comprar livros. Tinha a oportunidade de ler quando ia à farmácia e eles me davam um almanaque. Saia de lá toda contente, e ia deleitar-me com aquela leitura.

A mãe da minha amiga, uma vez, comprou uma coleção de livros lindos, que tinha várias histórias, entre elas Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outras. Eu ficava encantada com aqueles livros, mas ela não deixava ninguém tocar. Os livros ficavam na estante, como enfeites, como muitas mães deixam. Eu só queria ler um pouco, me deleitar com as narrativas, mas, infelizmente, fiquei só na vontade, e foi aí que meu interesse pela

---

<sup>1</sup> Equipe de Coordenação do Projeto de Extensão Grupo Abracadabra: contadores de histórias - Curso de Letras - Campus Universitário do Araguaia - UFMT. E-mail: [eidinha3@hotmail.com](mailto:eidinha3@hotmail.com)

leitura foi se distanciando. Mas, o meu sonho em passar meu conhecimento adiante continuou. Hoje sempre falo para meus filhos que livros são feitos para serem “devorados” e, não, para serem guardados.

Minha primeira professora, Tia Divina (*in memoriam*), foi uma das grandes responsáveis pela minha paixão em ser professora. Ela era um ser humano ímpar! Sempre preocupada com seus alunos, se eles estavam aprendendo, se precisavam de ajuda! Era doce e apaixonada pela profissão! Assim, fazia com que todos gostassem de estudar.

Tive vários professores maravilhosos, compreensivos, que sempre acreditaram em mim. Tive o privilégio de cursar o Magistério em Nível de Ensino Médio, o que foi fundamental para entender um pouco mais sobre a profissão de professor, que eu tanto almejava. Foram aulas inesquecíveis que fizeram com que me apaixonasse cada dia mais por essa profissão docente.

Quando fui fazer o Estágio Supervisionado, fiquei encantada: ali, eu estava tendo uma oportunidade de realizar um sonho, que era dar aula. Mesmo que fosse por pouco tempo, meus olhos brilharam, minhas pernas tremeram, fiquei muito emocionada, todos os alunos perceberam, e eu disse que aquela oportunidade eu não esqueceria jamais. Como peguei gosto pelas aulas ministradas, comecei a “dar palpites” para as professoras efetivas que eram minhas amigas. Falei que cada aluno tem o seu tempo de aprendizagem, uns aprendem com mais facilidade, outros demoram mais, que elas não podiam ir passando conteúdo só para no final do ano dizer que as crianças tinham estudado todo o livro. Isso sempre foi algo que me incomodou muito: eu preferia passar menos conteúdo, os alunos apreenderem o que foi passado, ao invés de ministrar muitos conteúdos, rapidamente, e eles não aprenderem nada.

Logo depois, me chamaram algumas vezes para fazer substituições. Fui feliz da vida, mas percebi que “ser professora” não era só ensinar a ler e escrever: vai muito mais além, pois o professor tem que ser educador, psicólogo, amigo, confidente etc. Compreendi, a partir daí, que não seria uma tarefa fácil, mas que valeria a pena.

Terminei o Magistério em 1996 e me casei em janeiro de 1997. Já pensava em fazer Pedagogia e começar minha carreira de docente. Foi quando a vida me deu uma rasteira: descobri que meu irmão estava com câncer na cabeça, o tumor já estava do tamanho de uma laranja e o estado dele era gravíssimo. Foi às pressas para Goiânia, fez cirurgia, fez quimioterapia, radioterapia, mas, alguns meses depois não resistiu e faleceu.

Meu mundo desabou. Eu estava grávida de três meses, entrei em estado de choque, achei até que minha filha tinha morrido porque ela não mexia, foram momentos horríveis de dor angústia.

Depois disso, não quis mais fazer nada, não reagia, fiquei por muitos anos sem querer fazer nada e estudar, então, era coisa fora de cogitação. Passei por momentos muito difíceis até descobrirem que eu estava com depressão, e iniciei o tratamento. O médico falava que eu não tinha condições de trabalhar nem estudar, porque eu esquecia demais as coisas, muitas vezes até o nome dos meus filhos, então, eu já tinha desistido do meu sonho de ser uma professora.

Alguns anos depois, em 2014, eu resolvi fazer o Enem. Fiz a inscrição sem ninguém saber, fiz as provas, mesmo muitas pessoas falando para eu desistir, já que o médico havia dito que eu não era capaz devido à depressão. Fui aprovada e, como não consegui fazer Pedagogia, resolvi fazer Matemática, mas, na hora de escolher o curso coloquei Letras primeiro, porque o L vem primeiro e, matemática, em segundo. No ano que entrei, falaram que eu deveria ficar com a primeira opção. E, foi assim que ingressei no Curso de Letras, no Campus Universitário do Araguaia, da Universidade Federal de Mato Grosso, em Barra do Garças - MT.

No primeiro dia de aula, quando fomos nos apresentar, todos riram bastante, pois eu estava em um curso em que deveria fazer várias leituras e, eu não gostava de ler, devido ao que aconteceu em minha infância.

O tempo foi passando e fui me apaixonando pelo curso, porém ainda não gostava de ler. Foi quando conheci o projeto de extensão Grupo Abracadabra: Contadores de histórias. De início, fui pensando somente na carga horária que precisaria para concluir o curso de Letras, e acabei me apaixonando. Por meio, das narrativas, me tornei uma pessoa mais questionadora, tendo argumentos para não aceitar tudo que me é imposto, aprendi a usar a imaginação, a criatividade e a oralidade. E foi fundamental para minha formação como docente, pois, entre muitas coisas, me ajudou nas apresentações de trabalhos, no desenvolvimento das atividades que eram propostas.

Eu iniciei no Projeto de extensão Grupo Abracadabra: Contadores de Histórias, em 2016 como cursista, já, no ano seguinte, tive a honra de ser convidada pela professora Maria Claudino da Silva, coordenadora do Projeto, para ser bolsista e fiquei até me formar, em 2019. Como gostava muito de atuar no Grupo Abracadabra: contadores de histórias, juntei forças e muita vontade e continuei, tanto no Curso de Letras, quanto na extensão,

Quando me formei, continuei no projeto como voluntária. E nesses anos, fazendo parte desse projeto de extensão, pelo qual sou apaixonada, aprendi muitas coisas. Inicialmente, aprendi, sobre a importância da leitura em nossas vidas. O quanto a leitura nos ajuda a sermos seres pensantes.

Depois, fui aprendendo, o quanto as narrativas fazem a diferença em nossas vidas, nos levam a soltar a imaginação, a criatividade. Com isso, fui me desenvolvendo nas realizações das atividades, fui ficando mais desinibida, e conseguia expor melhor minhas ideias. Tudo isso contribuiu bastante para a minha formação acadêmica.

Atualmente, sou apaixonada pelas leituras, amo contar histórias, e o objetivo principal do Grupo Abracadabra: contadores de histórias, que é formar leitores, foi atingido por mim.

Tive a oportunidade, também, de participar como Aluna Residente do Programa Institucional de Bolsa de Residência Pedagógica (PRP) Letras/CUA/UFMT no período de agosto de 2018 a janeiro de 2020, cumprindo 440 (quatrocentos e quarenta) horas, que foi importantíssimo para o fortalecimento da minha docência. O fato de ter vivenciado não só a sala de aula, mas, também, todo o processo que constitui a escola, me ajudaram muito a compreender o quanto é importante trabalharmos em equipe para que possamos ter um ambiente agradável, cheio de muito ensino e aprendizagem.

Apreendi como é feita a elaboração do Plano de Atividades, como desenvolver Projetos Didáticos, a trabalhar com o diário digital, a organizar eventos na escola. Foram momentos de muita aprendizagem, que me fizeram ter certeza de que ser educadora é o que realmente quero para minha vida.

Quando fui para sala de aula, não foi muito fácil, pois trabalhei com turmas que não queriam nada com nada, a maioria dos alunos só ia porque eram obrigados. No início, foi muito frustrante, mas logo fui conseguindo reverter esse quadro e fiquei muito animada. Levei algumas dinâmicas e isso possibilitou momentos de interação, em que todos participaram, mesmo aqueles que se achavam “burros”, podendo perceber que a participação é muito importante para melhorar sua aprendizagem. Ouvi muito a frase: “Eu não sou capaz” de alguns alunos e isso mexeu muito comigo, pois ouvi muito essas palavras durante minha vida, principalmente quando entrei na faculdade. Quando isso acontecia, no dia seguinte, respirava fundo, e conversava com todos da sala, a respeito disso. Dizia que todos somos capazes de fazer qualquer coisa, que alguns teriam mais facilidades, outros menos, mas todos eram capazes e recebi um sorriso deles que me fez entender mais ainda o quanto é importante ajudarmos as pessoas com uma palavra de carinho, de incentivo.

Na sala de aula, há uma troca de ensino aprendizagem sendo que os professores e os alunos aprendem.

Entendi, com o passar do tempo que, nós, educadores, precisamos ter um olhar mais cuidadoso com os alunos que têm dificuldades na aprendizagem. Ensinar para os que têm facilidade em aprender é fácil! O difícil é ensinar para quem tem dificuldade. Infelizmente, alguns professores acabam deixando esses alunos de lado, ao invés, de ajudá-los em sua aprendizagem. Muitas vezes, a causa é uma depressão, ou, simplesmente, uma falta de incentivo, uma palavra amiga.

Nós, como educadores temos que conhecer o contexto em que o aluno está inserido e, procurar uma metodologia que possa atender a todos.

Nesse meu caminhar, que ainda me “forma, transforma, aos poucos, em Professora”, os ensinamentos obtidos, a partir das ideias de Paulo Freire, foram fundamentais para os meus aprendizados. Falo sobre alguns a seguir, a partir da leitura da obra “Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 1999).

Conforme Freire (1999, p.24), “a reflexão sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. Entendi, em minha vivência em sala de aula que é preciso, às vezes, analisarmos e refletirmos sobre a nossa prática docente, dentro de uma sala de aula, para podermos continuar compreendendo como podemos melhorar o aprendizado de nossos alunos.

Ainda com as palavras de Paulo Freire, compreendo que:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 1999, pp. 43-44).

A formação docente deve ser permanente, pois se confunde com o nosso viver. E, viver requer aprendizado duradouro para que se possa aproveitar tudo que podemos viver e ensinar.

Por fim, Paulo Freire (1999, p.71) afirma que:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado.

A minha vontade enorme em me transformar Professora vai ser guiada, sempre, por essa compreensão!!!

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

